

OBSERVATÓRIO CONE SUL DE DEFESA E FORÇAS ARMADAS

INFORME BRASIL Nº 184

Período: 10/09/05 a 16/09/05

Franca – Brasil

- 1- Forças Armadas poderão coordenar segurança nos Jogos Pan-Americanos de 2007
- 2- Soldado brasileiro critica ofensivas da Missão de Paz da ONU no Haiti
- 3- Jornalista faz defesa de SNI e de seu ex-ministro-chefe
- 4- General Heleno Ribeiro descreve sua experiência no Haiti
- 5- Presidente Lula pretende discutir crise haitiana em viagem internacional
- 6- Amorim afirma que reforma do CS da ONU pode ser votada em Assembléia Geral
- 7- Sivam terá primeiro radar desenvolvido com tecnologia 100% nacional
- 8- União terá que pagar pensão à viúva de preso político
- 9- Celso Amorim se mostra otimista com a liderança do Brasil no Haiti

Forças Armadas poderão coordenar segurança nos Jogos Pan-Americanos de 2007

O jornal *O Globo* informou que a ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef, fará reunião com os Ministros da Defesa, José Alencar, e da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, para negociar o plano de segurança dos Jogos Pan-Americanos de 2007, que ocorrerão na cidade do Rio de Janeiro. Segundo a ministra, por se tratar de um evento internacional sediado no Brasil pela primeira vez, provavelmente a coordenação da operação de segurança será das Forças Armadas, especificamente do Exército. (O Globo – O País – 10/09/05).

Soldado brasileiro critica ofensivas da Missão de Paz da ONU no Haiti

O *Jornal do Brasil* (JB) publicou o depoimento de um soldado brasileiro que participou da Missão de Paz das Nações Unidas no Haiti (Minustah). Segundo afirmou o soldado, o contingente brasileiro faz papel de polícia no Haiti e o treinamento das tropas não os prepara para o que vão enfrentar em Porto Príncipe, como, por exemplo, trocar tiros com criminosos em favelas haitianas. O Exército brasileiro respondeu às críticas dizendo que a preparação da tropa visou também ao possível uso da força em ações contra gangues armadas. De acordo com o coronel Carlos Barcellos, que respondeu em nome do batalhão brasileiro, os militares realizaram exercícios em favelas no estado do Rio de Janeiro, onde foram simuladas, inclusive, troca de tiros, com a finalidade de ambientar a tropa em incidentes semelhantes aos quais poderia se defrontar no Haiti. O general Urano Barcellar, que recentemente assumiu o comando militar da Minustah, lembrou também que o capítulo 7 do mandato das Nações Unidas no Haiti prevê o uso da força quando necessária para garantir o cumprimento da missão ou quando alguém estiver ameaçando a tropa ou a segurança do país. O jornal relatou outras críticas do soldado entre elas o fato de o batalhão não poder ter

contato amigável direto com os haitianos e não poder fotografar ou filmar dentro da base. Para o Exército, as "restrições" são justificáveis, conforme o coronel Barcellos, que explicou o motivo de tais proibições e informou que tais procedimentos são comuns a qualquer unidade militar do mundo. (Jornal do Brasil – Internacional – 11/09/05).

Jornalista faz defesa de SNI e de seu ex-ministro-chefe

O *Jornal do Brasil* (JB) publicou coluna opinativa do jornalista Aristóteles Drummond que defende a importância do Serviço Nacional de Informações (SNI) e seu último ministro-chefe, o general Otávio de Aguiar Medeiros. Segundo o jornalista, o SNI foi um órgão de grande importância na estrutura de poder no Brasil durante o regime militar (1964-1985). Ele explica que o SNI esteve intimamente ligado a atividades anti-democráticas, mas que este fato nunca correspondeu a sua verdadeira missão e muito menos à verdade dos fatos, pois o organismo prestou serviços relevantes na área da informação ao alto escalão do governo - Palácio do Planalto e ministros - sobre os candidatos a funções de confiança, além de verificar o desempenho dos dirigentes públicos, apurando denúncias ou verificando evidências de ilícito, incluindo o enriquecimento súbito. O jornalista lembrou que dois presidentes militares exerceram a chefia do SNI e lembrou de fatos quando a atuação do SNI resolveu casos de corrupção e improbidade administrativa. Drummond reconheceu que houve muitas manipulações, frutos de implicações pessoais, fatos que serviram para o desgaste do órgão, mas não ao ponto de anular os benefícios de um governo informado sobre o comportamento dos ocupantes de funções de responsabilidade ou mesmo de alta assessoria. O jornalista criticou as notas de falecimento publicadas pelo jornal *O Globo* a respeito do último ministro-chefe do SNI, o general Otávio de Aguiar Medeiros. Segundo ele, as notas informam que Aguiar Medeiros havia sido chefe do SNI durante a ditadura, mas que na verdade ele foi chefe do SNI durante o governo Figueiredo, a abertura política e o processo de anistia. Disse também que com o SNI, os governantes não eram surpreendidos por casos de corrupção, mau desempenho do cargo público ou mesmo postura incompatível com o decoro quando se age em nome do Estado. Aristóteles criticou a dissolução do SNI durante o governo Fernando Henrique Cardoso e lembrou que se o Presidente Lula dispusesse de um aparato como o do SNI, o Palácio do Planalto não sofreria a crise que agora sofre. (Jornal do Brasil – Brasília – 11/09/05).

General Heleno Ribeiro descreve sua experiência no Haiti

Em coluna do jornal *Folha de S. Paulo* o general brasileiro Augusto Heleno Ribeiro, descreveu sua experiência como comandante da Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah). O general falou a respeito de sua experiência no comando de um efetivo de 6250 militares "capacetes azuis", reunindo contingentes de 13 países, sete deles latino-americanos, além de oficiais de Estado-maior de 23 nações. O general disse ter concluído, após seus 15 meses (junho de 2004 a setembro de 2005) no comando da missão, que construir um ambiente seguro e estável seria viável se fossem combinados segurança com

projetos de infra-estrutura e desenvolvimento. Segundo Heleno, a doação de mais de US\$ 1 bilhão, na Conferência de Washington, em julho de 2004, o fez crer que obras, tropas e polícia se juntariam, simultaneamente, pelas diversas regiões do país. No entanto, “desculpas inconsistentes continuam adiando providências urgentes no campo econômico e social, obrigando os militares a realizar ações humanitárias que fogem a sua alçada.” O general lembrou também que o Brasil ameaçou, inclusive, retirar seus efetivos militares devido a estratégia adotada pela comunidade internacional para o Haiti. Heleno Ribeiro disse ter deixado o Haiti convicto de que somente a geração de muitos postos de trabalho melhorará as condições de vida e criará uma esperança de futuro para os haitianos. Ele diz que “exigir uma segurança impecável para aplicar recursos quando 80% da força de trabalho não possui emprego formal e 70% do povo sobrevive miseravelmente com uma refeição diária soa utópico e até mesmo cruel”. Heleno ressaltou os avanços conseguidos pela Minustah em todo o país, como a pacificação de regiões extremamente violentas como Bel Air, em Porto Príncipe, além do avanço do processo eleitoral, mas também lembrou dos desafios a serem transpostos, como a pacificação de Cité Soleil, também em Porto Príncipe. O general disse acreditar que o futuro do Haiti depende da participação solidária dos países latino-americanos e ressaltou que alguns problemas são semelhantes e podem ajudar o futuro governo haitiano na busca de soluções viáveis e duradouras. (Folha de S. Paulo – Tendências/Debates – 11/09/05).

Presidente Lula pretende discutir crise haitiana em viagem internacional

Os jornais *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil* noticiaram que, após a recente crise política brasileira, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva pretende retomar temas da política externa de seu governo, como a missão de estabilização do Haiti, em uma viagem internacional que se iniciou neste dia 13 na Guatemala. A preocupação com a crise haitiana será debatida nos encontros com os integrantes do Sistema de Integração Centro-Americana (Sica): Belize, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá e República Dominicana; especialmente, pela possibilidade do recrudescimento da violência no país devido à proximidade das eleições presidenciais que devem ocorrer no próximo dia 20 de novembro. Segundo os jornais, o presidente pretende levar a discussão da crise haitiana também para a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em Nova York, na qual dirá aos países da América Central e do Caribe que o apoio ao Haiti não pode ser dado apenas com o envio de forças armadas, mas também com aportes financeiros. (Folha de S. Paulo – Brasil – 12/09/05; *Jornal do Brasil* – Brasil – 12/09/05).

Amorim afirma que reforma do CS da ONU pode ser votada em Assembléia Geral

Em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, o ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, discutiu previamente à Assembléia Geral que ocorreu esta semana em Nova York, as possibilidades de votação da reforma do Conselho de Segurança (CS) da Organização das Nações Unidas (ONU). Segundo ele, por mais que a oposição dos Estados Unidos e da China causem dificuldades à

votação, a questão tem de abranger dois terços da assembléia e não há poder de veto nessa decisão. Inicialmente, houve um fracasso na estratégia de tentar forçar o início da reforma na presente cúpula da ONU. Para Amorim, esse é um trabalho que deve ser feito e, para isso, é crucial um entendimento entre o Grupo dos 4 (G-4), composto por Brasil, Índia, Japão e Alemanha, e os países que o apóiam. Ainda de acordo com ele, a reforma realizada pode não ser idêntica à que o G-4 está propondo, mas ela será muito melhor do que seria sem a ação do grupo. Amorim ainda ressaltou o fato de que o Brasil está numa empreitada com o segundo e terceiro países mais ricos do mundo, respectivamente Alemanha e Japão, e com outro que dentro de 20 anos provavelmente será o país mais populoso do planeta (Índia); além do apoio de países como a França e copatrocinadores como a Dinamarca e Portugal. Essa semana os chanceleres do G-4 reuniram-se na Índia, sede da missão, para fazer um balanço geral e definir as soluções para as dificuldades encontradas até agora. Um exemplo da mais recente dificuldade colocada ao grupo foi a declaração da China de que seria inaceitável o processo de reforma do conselho por incluir o Japão. Embora a posição chinesa seja totalmente contrária ao Japão, os Estados Unidos deram apoio explícito a este país. A reunião entre os chanceleres na Índia determinou também que o G-4 rerepresentará a resolução de reforma do CS da ONU sobre a ampliação deste durante a 60.^a Assembléia-Geral da organização. Este grupo declarou serem razões técnicas que os obrigam a refazer o projeto de resolução, pois, tal projeto foi apresentado em maio e ainda não foi votado, perdendo, assim, validade com o encerramento da 59.^a Assembléia-Geral e início da 60.^a. Antes de voltar a protocolar a resolução, o G-4 terá rodadas de reuniões com os 32 países que assinam o projeto e com os 53 membros da União Africana, cujo apoio é decisivo para conseguir os 128 votos necessários para ser aprovado na Assembléia-Geral. Cerca de dez dos países da África não concordam com a proposta do G4, porque exigem o direito de veto imediatamente, enquanto o Brasil e seus aliados abriram mão desse direito por ao menos 15 anos. Apesar de serem apenas 10 de 53, os africanos só votam unidos, inviabilizando o apoio. O plano inicial do G-4 e do secretário-geral da ONU, Kofi Annan, era aprovar a resolução que trata da reforma até a 60.^a cúpula, mas a forte oposição dos EUA e da China inviabilizou o esforço. Segundo Amorim, a nova proposta não poderá ter grandes mudanças porque foi com base nela que o grupo conseguiu o apoio de 90 a 100 países e a expectativa é que o texto seja votado até o final de dezembro deste ano, mas evitou estipular a data como um prazo final. (Folha de S. Paulo – Brasil – 12/09/05; Folha de S. Paulo – Brasil – 16/09/05; O Estado de S. Paulo – Internacional – 15/09/05; O Estado de S. Paulo – Internacional – 16/09/05; O Globo – O Mundo – 16/09/05).

Sivam terá primeiro radar desenvolvido com tecnologia 100% nacional

De acordo com o *Jornal do Brasil* (JB), o Brasil retomou a sua capacitação tecnológica na área de radares meteorológicos. A experiência adquirida com a participação no fornecimento dos radares do Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) motivou a empresa brasileira Atech Tecnologias Críticas ao desenvolvimento do primeiro radar 100% nacional. Segundo o JB, a Aeronáutica

acaba de fechar um contrato com a empresa, no valor de US\$ 1,9 milhão, para a aquisição do equipamento, que será entregue em abril de 2006. De acordo com o diretor da Atmos, Fábio Haruo Fukuda, este será o 11º radar meteorológico do Sivam, mas o primeiro totalmente desenvolvido com tecnologia 100% nacional. Os 10 radares meteorológicos do Sivam, segundo Fukuda, foram fornecidos pela empresa americana Enterprise, mas o processador digital foi feito pela Atech e o software meteorológico é alemão. A idéia inicial da Aeronáutica era que o fornecimento fosse feito integralmente pela indústria brasileira. O Centro de Comunicação Social da Aeronáutica (Cecomsaer) informou que não há previsão do Departamento de Controle do Espaço Aéreo (Decea) de expandir a rede de radares meteorológicos do Sistema de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro (Sisceab). "Já foram instalados 11 canais meteorológicos nos radares de vigilância de área terminal, o que aumentou bastante a já satisfatória cobertura radar para acompanhamento das condições de tempo presente", disse o Cecomsaer. (Jornal do Brasil – Economia – 12/09/05).

União terá que pagar pensão à viúva de preso político

De acordo com *O Globo*, a União terá que pagar pensão vitalícia à viúva do sargento Manoel Raimundo Soares, morto em 1966 por militares durante a ditadura, segundo determinação da 3ª Turma do Tribunal Regional Federal (TRF) da 4ª Região em Porto Alegre. O chamado "Crime das Mãos Amarradas" foi um dos primeiros casos, que chegaram ao conhecimento público, de presos políticos mortos sob tortura durante o regime militar. O pagamento da pensão será retroativo a 13 de agosto de 1966 e uma indenização por danos morais, fixada em R\$222.720,00, será corrigida com juros de mora de 12% ao ano desde a data do crime, informou o jornal. (O globo – O País – 13/09/05).

Celso Amorim se mostra otimista com a liderança do Brasil no Haiti

Vários países que enviaram tropas à missão de paz do Haiti participaram, a pedido de Condoleezza Rice (secretária de Estado dos Estados Unidos), de uma reunião onde também estavam presentes o presidente da OEA (Organização dos Estados Americanos) e Juan Gabriel Valdés, enviado especial da ONU ao Haiti. O Brasil, que mantém a liderança da missão militar passou recentemente, segundo o jornal *Folha de S. Paulo*, por fortes críticas pelo aumento da violência e de seqüestros no Haiti. Agora, a principal preocupação da ONU é com o acirramento da violência no período eleitoral, que conforme o general brasileiro Urano Teixeira da Matta Bacellar será uma parte crítica do trabalho. No entanto, o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, afirmou que todos os países envolvidos na missão do Haiti consideram que houve, nos últimos meses, importantes avanços na segurança do país e no cadastro de eleitores para o pleito do final do ano. Por esse motivo, não deve haver mudanças no calendário das eleições no país, segundo Amorim. (Folha de S. Paulo – Mundo – 15/09/05).

SITES DE REFERÊNCIA:

Folha de S. Paulo – www.folha.com.br

Jornal do Brasil – www.jb.com.br

O Estado de S. Paulo – www.estado.com.br

O Globo – www.oglobo.com.br

*Informamos que as colunas opinativas da *Folha de S. Paulo* e o conteúdo integral de *O Estado de S. Paulo* não estão mais disponíveis gratuitamente na versão *on line*. No entanto, aqueles que tiverem interesse em receber as notícias destes jornais utilizadas na produção do Informe Brasil, podem solicitá-las a observatorio@franca.unesp.br

O *Informe Brasil*** é uma produção do ***Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES)*** do Centro de Estudos Latino-Americanos (CELA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP), coordenado pelo Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre. É redigido por Adele Godoy (bolsista PIBIC/CNPq), Alexandre K. Yasui Matsuyama, Ana Cláudia Jaquetto Pereira (bolsista FAPESP), Carla Rubacow, Guilherme Miranda, Juliana Bigatão, Liliam Ane Cavalhieri da Cruz, (graduandos em Relações Internacionais), sob a responsabilidade de Érica Winand (Pós-Graduanda em História/ bolsista CAPES). As informações aqui reproduzidas são de inteira propriedade dos jornais.